

Crise no PDS

dissidentes são adesistas

Gerson Menezes

Jutahy:

O senador Jutahy Magalhães (PDS-BA) contestou, ontem, a validade do chamado movimento "dissidente" dentro do PDS, ao frisar que determinada parcela dos que se dizem dissidentes está, na verdade, apenas a caminho de outro partido, enquanto outros cumprem "a triste missão de criar dissensões internas no partido para prestar serviço a seus novos senhores".

Segundo o senador, a tentativa de se dar a entender que há uma linha "malufista" dentro do PDS "é apenas uma desculpa" para que se aceite o sectarismo "que alguns querem impôr à linha partidária". No seu entender, os dissidentes poderiam até "ser levados em consideração", desde que aceitassem as decisões majoritárias dentro da agremiação, sem querer impôr o ponto de vista da minoria, representada, no caso, pela própria dissidência, segundo enfatizou. "O que não se pode aceitar — prosseguiu — é que eles só admitam decisões que estejam de acordo com eles".

Jutahy Magalhães citou como exemplo a própria disputa pela liderança do partido, quando os dissidentes tentaram adiar a escolha. Ele indaga se se poderia admitir que homens que votaram contra a candidatura oficial do PDS possam ter condição de assumir determinados cargos no partido. O máximo que se pode admitir — enfatizou — é que homens da importância política e de renome nacional, como o senador Amaral Peixoto, permaneçam à frente da agremiação para tentar reunificá-la. Quanto aos que se colocaram abertamente contra Paulo Maluf e se recusaram a votar nele, o máximo que se pode esperar, segundo o senador, é que consigam ocupar cargos nas comissões do Congresso, mas nunca postos-chave dentro do partido, como a liderança. Isto, no seu entender, é uma decorrência natural do próprio processo sucessório da maneira como se desenvolveu, com a derrota do candidato do PDS tendo sido decorrência da própria ação dos pedessistas.

Por isso mesmo, entende o senador que não há "linha malufista" dentro do atual PDS, mas apenas a predominância da ação política daqueles que se colocaram ao lado do candidato do par-

tido. A ação dos dissidentes — frisou — não passa de "um jogo de adesão" ao novo governo. Jutahy Magalhães disse que, pessoalmente, prefere que nenhum dos atuais "dissidentes" permaneça no PDS, se for para criar dissensões, mas de qualquer modo não acredita que seja grande o número de políticos que irão abandonar a sigla. "Teremos um partido suficientemente forte — enfatizou — para fazer oposição ao governo de Tancredo Neves". E certo que alguns mudarão "porque já estão mesmo a caminho de outro partido e apenas aguardam a reforma partidária. Estão em compasso de espera". Outros, segundo o senador, aguardam essa mesma reforma para tentar criar uma nova sigla, e se não o conseguirem terão que decidir qual o espaço político a ser ocupado no futuro. Boa parte, no entanto — acredita — permanecerá no PDS, embora questões regionais possam ainda provocar novas dissidências.

Oposição

Jutahy Magalhães está entre os que se colocam frontalmente contra a aproximação entre o PDS e o novo governo, frisando que o resultado das urnas é claríssimo e só faz resultar ao PDS um espaço nitidamente oposicionista. "Acho que o PDS deve buscar sua unidade, mas dentro de uma linha oposicionista que nos foi reservada pelo resultado da sucessão: Deve exercer uma oposição sem radicalismos, mas vigilante, atuante, que tenha condições de cobrar compromissos assumidos, aprovando medidas de interesse nacional e combatendo aquelas que não julgue de interesse público".

A preocupação dessa parcela do PDS diz respeito ao próprio espaço político a ser conquistado para a sucessão de Tancredo. Argumentam os pedessistas que, se o PDS não adotar uma linha abertamente de oposição, este espaço acabará sendo ocupado por Leonel Brizolla, que consequentemente — raciocinam — colheria os resultados dessa ação política no futuro. Com isso, só restam agora ao PDS dois caminhos: a oposição aberta, clara e frontal, ou um apoio a Tancredo que se converteria mais tarde, segundo os parlamentares pedessistas, num peso político futuro representado por uma fachada "adesista". Além de todos esses aspectos, segundo Jutahy Magalhães, "é ótimo" ser oposição.